

A ESCUTA NO PROCESSO DE TRIAGEM: ESTÁGIO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA

Juliana Ribeiro Guedes¹

Luciene Corrêa de Miranda Moreira²

RESUMO:

O presente relato de experiência consiste na adaptação de um relatório apresentado à disciplina de Estágio Básico Supervisionado IV, cuja proposta é a realização de entrevistas de triagem, visando alcançar os seguintes objetivos: conhecer fundamentos para a prática de triagem e possibilitar acolhimento e escuta, entender a triagem como prática que faz parte do processo de cuidado em saúde mental, enfatizar a integralidade do cuidado e a interdisciplinaridade, reconhecer a importância de uma avaliação de necessidades ampla e integral, possibilitar a identificação de níveis de gravidade do sofrimento psicossocial, conhecer instrumentos de triagem em saúde mental e identificar potenciais situações de risco e de crise. O estágio possui carga horária de 54 horas, sendo 36 horas de supervisão e 18 horas de atendimentos. A partir disso, foram realizadas um total de 7 entrevistas de triagem com pacientes na clínica-escola de psicologia do Centro Universitário Academia, sob supervisão da professora. Nas supervisões semanais foram treinadas habilidades de escuta, identificação e acolhimento, permitindo que os indivíduos que passaram pelo processo de triagem sejam direcionados para uma fila de espera em busca de receber atendimentos psicológicos de acordo com a faixa etária, a disponibilidade de horários e o grau de urgência das demandas apresentadas. Além disso, ocorreu uma revisão de literatura sobre temas relacionados à escuta no processo de triagem, que, associada à prática clínica, levou à conclusão da importância dos estágios em clínica-escola para o desenvolvimento de uma escuta ativa, que será essencial para a realização de uma boa triagem.

Palavras-chave: Triagem. Escuta. Supervisão. Clínica.

ABSTRACT:

This experience report consists of the adaptation of a report presented to the Supervised Basic Internship IV discipline, whose proposal is to carry out screening interviews, aiming to achieve the following objectives: knowing the fundamentals for the practice of screening and enabling reception and listening, understanding screening as a practice that is part of the mental health care process, emphasize the comprehensiveness of care and interdisciplinarity, recognize the importance of a broad and comprehensive needs assessment, enable the identification of levels of severity of psychosocial suffering, know mental health screening and identify potential risk and

¹ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: ribeiroguedesjuliana@gmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: lucienemoreira@uniacademia.edu.br

crisis situations. The internship has a workload of 54 hours, with 36 hours of supervision and 18 hours of assistance. From this, a total of 7 screening interviews were carried out with patients at the Psychology School Clinic of Centro Universitário Academia, under the supervision of the professor. In weekly supervisions, listening, identification and reception skills were trained, allowing individuals who went through the screening process to be directed to a waiting list in search of receiving psychological care according to their age group, time availability and degree of urgency of the demands presented. Furthermore, a literature review was carried out on topics related to listening in the screening process, which, associated with clinical practice, led to the conclusion of the importance of internships in school clinics for the development of active listening, which will be essential for carrying out good screening.

Keywords: Triage. Listening. Supervision. Clinical.

1 INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência é uma adaptação do relatório final da disciplina de Estágio Básico Supervisionado IV, realizado no 7º período de Psicologia do um Centro Universitário localizado na Zona da Mata mineira, cuja proposta é a realização de entrevistas de triagem, visando alcançar os seguintes objetivos, expressos no plano de ensino da disciplina: conhecer fundamentos para a prática de triagem e possibilitar acolhimento e escuta; entender a triagem como prática integrante do processo de cuidado em saúde mental; enfatizar a integralidade do cuidado e a interdisciplinaridade; reconhecer a importância de uma avaliação de necessidades ampla e integral; possibilitar a identificação de níveis de gravidade do sofrimento psicossocial; conhecer instrumentos de triagem em saúde mental e identificar potenciais situações de risco e de crise.

O tema escolhido para este trabalho se trata da escuta dentro do processo de triagem, ou seja, uma disponibilidade integral à pessoa que expõe sua dor durante uma coleta de dados, que visa identificar qual o melhor tipo de tratamento para cada paciente, de forma livre de preconceitos (Cerioni; Hezberg, 2016). Nesse sentido, é importante um maior aprofundamento desta temática para que possa ficar clara a necessidade de uma escuta ativa em qualquer processo psicológico, com um enfoque particular para a triagem, além de trazer possíveis resultados a serem obtidos através de uma boa escuta e seus benefícios para os pacientes que buscam ajuda psicológica. O estágio possui uma carga horária de 54 horas, que é dividida em 36 horas de aulas presenciais (supervisão) e 18 horas de prática, ou seja, realização de entrevistas de

triagem na Clínica-escola de Psicologia, envolvendo o preenchimento de fichas com dados importantes sobre o paciente, como nome completo, idade, endereço e profissão.

A partir disso, no momento da entrevista, o estagiário realiza uma escuta atenta às queixas da pessoa, de modo a acolher suas dores e entender suas demandas, que são resumidas em uma síntese e anotadas em sua ficha. Após a supervisão, a ficha preenchida vai para uma fila de espera, para que, posteriormente, quando surgir uma vaga adequada, possa iniciar-se a realização dos atendimentos psicológicos de acordo com as características das questões apresentadas.

Conforme relatado, ao longo do estágio, a atividade consistiu na realização de entrevistas de triagem, que funcionam como uma porta de entrada para os atendimentos da clínica-escola, se tratando de entrevistas únicas, onde são coletados dados específicos sobre o paciente. Assim como nos outros estágios que acontecem na clínica-escola, neste estágio os próprios alunos desempenham atividades práticas, o que possibilita a articulação entre teoria e prática na forma de uma experiência sobre o trabalho em sua área. Ao mesmo tempo, pensando-se nos usuários que procuram a instituição, a clínica-escola é um ambiente mais acessível à população, em especial às pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, incluindo pessoas em sua diversidade de raça, idade e gênero. As entrevistas são realizadas diretamente com o paciente adulto e, no caso de menores de dezoito anos, são os responsáveis que respondem a entrevista.

Ao longo da prática do Estágio Supervisionado IV foram realizadas 7 triagens, cada uma referente a um paciente específico, atendidos apenas uma vez a cada semana (segunda-feira de 14 às 15 horas), durante três meses (março, abril e maio). Tendo tudo isso em vista, o objetivo deste artigo é relatar as experiências de uma estagiária do sétimo período de psicologia durante a realização das entrevistas de triagem, o primeiro contato com a prática na clínica-escola.

2 O PROCESSO DE TRIAGEM EM CLÍNICA-ESCOLA

Antes de se iniciar um atendimento psicológico, é necessário que se conheça um pouco sobre o paciente e suas queixas. Assim, a triagem se apresenta como uma

entrevista inicial capaz de coletar dados sobre a pessoa que busca a terapia, além das primeiras noções sobre as questões trazidas ao psicólogo para tratamento, para, de posse desses dados, ser possível fazer o encaminhamento mais assertivo para cada paciente (Herzberg; Chammas, 2009). Não é uma prática comum no consultório particular de psicologia, mas é muito importante em ambientes como as clínicas-escola, onde há grande demanda de pessoas em busca de diversas modalidades de atendimentos em Psicologia e nem sempre há vagas disponíveis para suprir tal demanda:

A triagem constitui, muitas vezes, a "porta de entrada" para o encaminhamento dos clientes às outras modalidades de atendimento, tendo, assim, relevante papel em uma clínica, dada sua função de escuta inicial, avaliação e encaminhamento. Como ocorre na maioria das instituições de saúde, a demanda é geralmente maior do que o número de vagas oferecido, havendo rotineiramente pessoas que não conseguem atendimento (Chammas; Herzberg, 2006; Guerrelhas; Silves, 2000; Herzberg, 1996; Melo, 1999; Salinas; Santos, 2002 apud Herzberg; Chammas, 2009, p.107).

Além de ser um importante momento para o estagiário, em suas primeiras intervenções clínicas, o processo de triagem vai servir como uma apresentação da psicologia para o paciente, onde ele terá uma primeira noção de como funciona um atendimento psicológico, sendo importante que o indivíduo se sinta mobilizado pelo primeiro atendimento para que prossiga em sua busca por ajuda. Nesse sentido, a triagem se mostra como algo maior do que uma simples entrevista, tomando forma de uma intervenção breve, que dá aos pacientes uma oportunidade para se engajarem nos próprios problemas, tornando-os responsáveis por eles. Assim, a escuta do psicólogo, que visa receber e aceitar as questões dos clientes, permite uma expressão do sofrimento capaz de proporcionar alívio e clareza em relação às situações vividas, criando condições para modificá-las (Perfeito; Melo, 2004).

A triagem pode ser contínua à psicoterapia, quando o realizador desse processo é o mesmo que fará o atendimento psicológico no paciente, ou pode se tratar de uma etapa a qual se seguirá outra nova com outro profissional, como em casos de encaminhamento, além disso, a alta pode ocorrer durante a triagem. A necessidade de encaminhamento pode ocorrer quando o profissional responsável pela entrevista de triagem não está preparado para atender ou lidar com as questões trazidas pelo paciente, ou quando o profissional está sobrecarregado de atendimentos (Perfeito; **REVISTA PSIQUE: RELATOS ACADÊMICOS, Juiz de Fora, v. 4, n. 5, p.3-13, jul./dez. 2024 – ISSN 2448-3443**

Melo, 2004). No referido estágio, os estagiários responsáveis pelo processo de triagem não eram os mesmos que conduziram o processo terapêutico, pois, os estagiários só adquirem as competências necessárias à realização de atendimentos clínicos em períodos posteriores de sua formação acadêmica.

Nesse sentido, a escuta clínica se apresenta como algo essencial, tanto no processo de triagem, quanto na terapia em si, ao trazer como principal aspecto a atenção à singularidade do sujeito, assim como a posição subjetiva que o profissional apresenta em relação a isso. Assim, a percepção da escuta como um instrumento de trabalho irá emergir nos discursos dos psicólogos a partir de uma abertura por parte do profissional, desenvolvendo-se um raciocínio clínico que vai além da avaliação diagnóstica em si e possibilitando um processo de compreensão do sujeito em sua complexidade (Braga; Daltro; Danon, 2012).

A partir disso, é válido destacar que a escuta é desenvolvida através da experiência de construção diagnóstica psicológica, que permite ao terapeuta compreender que cada sujeito se mostra diferente, sendo impossível formatar um modo de compreendê-lo, pois cada indivíduo é único (Braga; Daltro; Danon, 2012). No que tange às experiências específicas presentes neste relato, foi perceptível, por parte da própria estagiária, um desenvolvimento e apuração da escuta ao longo do semestre letivo, a medida em que novas entrevistas de triagem iam sendo realizadas. De início, era mais difícil manter o foco, por questões de nervosismo e preocupação com o cumprir os procedimentos da clínica da maneira mais correta possível, mas, ao longo das entrevistas, conforme as regras gerais da instituição foram clareando, se tornou mais fácil focar nos relatos dos pacientes e, com o aumento da atenção, maior se tornou a compreensão e a capacidade de acolhimento para com o paciente.

A escuta psicológica pode ser vista como um dispositivo de cuidado, insubstituível perante as demandas que o psicólogo recebe, advindas de um sujeito que porta algum tipo de sofrimento (Dourado *et al.*, 2016) como, por exemplo, nos diferentes casos citados ao longo deste relato, questões relacionadas à necessidade de um espaço onde as pessoas que passaram pela triagem possam ser ouvidas, conflitos familiares, violências sofridas e queixas de problemas de saúde diversos. Assim, o profissional de psicologia necessita transitar entre um cuidar e saber de si, com o objetivo de tentar dar conta dos múltiplos sentidos do processo. A escuta vai se

tratar de uma abertura e um envolvimento com o que o outro diz, pois tanto quem escuta, quanto quem fala, se permitem viver a experiência empática e produzem novos significados que possibilitam diferentes modos de sentir, pensar e agir (Dourado *et al.*, 2016).

Em suma, para se escutar de uma maneira verdadeira, é preciso que se atravesse os sons e vá até o significado emergente do conteúdo que a pessoa fala. Isso é desenvolvido a partir da experiência do sujeito no contato direto com a prática da escuta, até que ela englobe uma trama maior de saberes e fazeres da psicologia (Dourado *et al.*, 2016), o que pôde ser vivenciado na prática no decorrer deste estágio.

O processo de triagem serve como um espaço de fala para o paciente, que pode aliviar a angústia e permitir uma ratificação ou retificação da procura feita, ou seja, através da escuta, é possível identificar quem, de fato, manterá a demanda e seguirá com o tratamento. Nesse sentido, a persistência do cliente é colocada em pauta no sentido de romper com a formação de compromisso que o sintoma implica, levando em conta a relação do sujeito com seu sintoma (Salinas; Santos, 2002).

Nesse contexto, é importante oferecer um espaço que privilegie a escuta do paciente e ajude a verificar quem, de fato, sustenta uma procura endereçada ao tipo de atendimento oferecido. Assim, ouvir cada sujeito, realizar uma avaliação clínica do caso, considerar os critérios da instituição procurada e a disponibilidade de oferta de acolhimento oferecem uma melhor condução de cada caso, no sentido de sua recepção, anterior à intervenção terapêutica (Salinas; Santos, 2002).

Para pedir ao sujeito que fale, é preciso saber escutá-lo, sendo que essa necessidade de escuta pode ter relação com uma desarmonia do sujeito com a realidade. Nesse sentido, a triagem deve ser entendida como algo a mais do que um momento de conclusão e fechamento, se tratando de um espaço privilegiado para reflexão, permitindo que haja a avaliação das reais possibilidades de atendimento (Salinas; Santos, 2002). Por exemplo, em uma das triagens realizadas, uma mãe buscou ajuda para ela própria e seus dois filhos e, através de uma escuta atenta durante a triagem e discussões na supervisão, foi definido que a clínica poderia dar suporte a ela e à filha, porém não possuía o suporte necessário para ajudar o filho, tendo sido preciso a transferência dele para outro local de atendimento especializado. A partir do exposto, foi observado como uma boa escuta dentro dos processos de

triagem realizados na clínica-escola foi significativa, tanto para que os pacientes se sentissem acolhidos, quanto para a melhor definição da possibilidade ou impossibilidade de como seguir o tratamento com eles numa clínica-escola.

Na primeira entrevista de triagem realizada, uma usuária apresentou diversas queixas relacionadas a problemas de saúde, má relação com familiares e um grande histórico de violências sofridas, incluindo assédio e agressões, mas, desde o início, a necessidade de expor suas dores e angústias foi o que se destacou. A usuária nunca conseguiu conversar sobre seus sentimentos no ambiente familiar pouco acolhedor em que vivia e, por isso, precisava muito de alguém que a permitisse “se abrir”. Nesse sentido, foi possível perceber, por suas falas ao longo da entrevista, que apenas aquele momento de triagem acabou servindo para que ela se sentisse “mais leve” e com um pouco mais de tranquilidade. Ela chegou a apontar, em alguns momentos da entrevista, como era bom poder falar para alguém que realmente a escutasse, e se demonstrou com um grande interesse de continuar a terapia, justamente pela necessidade de se sentir verdadeiramente ouvida por alguém preparado para realizar este tipo de escuta.

Outro momento em que a questão da escuta se demonstrou muito importante foi na triagem de duas irmãs, realizada com a responsável pelas garotas, ambas menores de dezoito anos. Durante a entrevista, a mulher mencionou que já fazia terapia para ela própria, algo que a ajudou a lidar melhor com as questões que enfrentava, principalmente por conta do sentimento de acolhimento gerado pela escuta ativa realizada por parte da pessoa que a atendia. Assim, levando em consideração os bons resultados obtidos em sua própria experiência, a mesma decidiu convencer as irmãs a darem uma chance para a realização da terapia, mesmo que esta não fosse, explicitamente, uma demanda das próprias jovens.

Na última triagem realizada, a usuária atendida teve bastante facilidade para falar sobre o caso dos filhos. Ainda assim, a usuária se demonstrou um pouco evitativa em contar a própria história, adiando-a até o final da triagem. Esse caso, em particular, exigiu o máximo de capacidade de escuta, pois foi preciso perceber o que a mulher realmente estava pronta para dizer ou não e até onde era possível perguntar, além de lhe dar certo espaço para momentos de emoção, onde ela chorou um pouco e precisou utilizar os lenços de papel disponíveis na sala de atendimento. Após sentir

que realmente poderia ser escutada sobre seus problemas sem julgamentos ou críticas, ela conseguiu desenvolver melhor suas questões, dentro de alguns limites ainda estabelecidos e que foram respeitados no contexto da triagem. Além disso, outro ponto desafiante, nos casos em que, na mesma entrevista, o usuário busca ajuda para mais de uma pessoa, é conseguir distinguir a queixa de um e do outro, pois, se tratando da dinâmica familiar, geralmente, as questões se atravessam em vários aspectos.

Por fim, é importante ressaltar como uma escuta bem realizada foi essencial para além da clínica, se mostrando a principal base para as discussões realizadas durante a supervisão do estágio, afinal, era preciso relatar cada detalhe da queixa dos clientes, omitindo apenas sua identidade e dados básicos, para que os casos pudessem ser discutidos e levados a hipóteses prévias. Assim, pode-se definir quais casos realmente se encaixam dentro dos limites de uma clínica-escola, quais deveriam ser transferidos para um local mais apropriado à queixa, quais possuíam o maior nível de urgência e gravidade (avaliando, principalmente, fatores de risco) e deveriam ser atendidos primeiro. Além disso, a partir das falas dos usuários, percebeu-se que é provável inferir quais possuíam maior risco de abandonar a terapia durante o processo, resultando em um encaminhamento com menor risco de erros e que realmente possa suprir as necessidades dos pacientes.

3 CONCLUSÃO

Após a análise do texto, é visto o quanto é necessário para um psicólogo desenvolver uma escuta ativa, que acolha e perceba as questões trazidas por seus pacientes. Assim, os estágios em clínica-escola são essenciais para a transformação de alunos em bons profissionais, pois possibilitam o treino de seu ouvir e de seu tato ao lidar com questões que podem ser penosas ou muito complexas.

Dentro dos estágios, os estudantes podem ter contato com diversas questões sociais e emocionais desconhecidas por eles, o que os prepara para a vida profissional, abrindo suas mentes para novas realidades e novas formas de acolhimento. Através da triagem, é visível o quanto cada pessoa é diferente e, portanto, exige uma forma de cuidado personalizada, ou seja, o estágio em triagem

se mostra como uma forma de preparar o aluno para o desenvolvimento de uma escuta diferenciada, capaz de perceber a demanda de cada paciente, preparando-o para que se adapte à inconstância da clínica e à necessidade de utilizar métodos específicos de tratamento para cada usuário.

As diferenças entre pacientes podem se demonstrar um grande desafio ao estagiário que, em um momento inicial, tenta seguir o roteiro padronizado pela clínica-escola, mantendo o foco no preenchimento de dados. Assim, é comum sentimentos de frustração quando um paciente prolonga seu relato de modo a deixar o tempo agendado para a coleta das informações básicas bastante curto. Portanto, se torna necessário que o aluno aprenda a desenvolver técnicas de manejo que o permita ser acolhedor para com a queixa do usuário, mas ainda consiga coletar os dados iniciais sem passar do horário previsto, para não atrapalhar o andamento da clínica e nem o atendimento do paciente seguinte. Esse aprendizado não é apenas útil dentro da clínica-escola, mas também em um futuro ambiente profissional, onde será necessário que o psicólogo mantenha um certo controle de tempo para que possa atender a todas as demandas com as quais se comprometeu.

Nesse sentido, é preciso destacar a importância da supervisão com um professor, que será capaz de orientar os discentes em possíveis formas de proceder em cada triagem, ajudando-os a reconhecer erros e acertos e a evoluir suas formas de comunicação, atenção e acolhida para com o paciente. A partir disso, é necessário que os alunos se abram para expressar suas dúvidas e inseguranças durante a supervisão, confiando no docente para guiá-los em sua formação acadêmica.

É importante que haja interesse e esforço por parte de alunos e profissionais no trabalho de triagem, que deve ser tratado como algo muito maior do que uma simples entrevista de coleta de dados sociodemográficos para cadastro. Percebe-se que este contato inicial do usuário com a clínica-escola pode ser a primeira forma de terapia a qual muitos clientes têm contato e servindo, algumas vezes, como uma forma de intervenção. Portanto, a escuta ativa e o acolhimento sem julgamentos são imprescindíveis para a realização de uma boa triagem.

Nesse viés, se torna necessário que o aluno aprenda formas de perguntar sobre situações da vida do paciente sem parecer invasivo, retirando dúvidas que podem aparecer durante a escuta de modo a não soar como se não estivesse

prestando atenção e tomar cuidado com sugestões, que podem ser consideradas como ordens ou conselhos de amigos pelo usuário. Assim, a escuta ativa se demonstra novamente essencial, pois a partir do momento em que o estagiário realmente consegue entender a demanda e o modo de agir do paciente, ele se torna mais capaz de compreender até que ponto sua fala será realmente útil e respeitosa para com os limites do usuário.

Ademais, é válido destacar a necessidade da existência de mais estágios de fácil acesso, seja dentro das faculdades ou fora delas, que possibilitem aos alunos praticarem e desenvolverem sua escuta, de modo a realizarem atendimentos realmente capazes de ajudar os pacientes que irão procurá-los após sua formação, afinal, é apenas a partir de uma experiência prática que o discente pode realmente se tornar atento e acolhedor para com a dor do outro.

Para finalizar, destaca-se a pouca oferta, em repositórios acadêmicos, de materiais que abordem especificamente o processo de triagem em clínicas-escola de psicologia. Considerando-se a relevância do tema para a formação dos futuros profissionais psicólogos e para o funcionamento da clínica-escola, reitera-se a relevância de se elaborar materiais científicos sobre o tema. Por este motivo da pouca oferta de materiais sobre o tema em específico justifica-se o uso de referências não atualizadas, porém, relevantes neste contexto.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Ana Aparecida N.M.; DALTRO, Mônica Ramos; DANON, Carlos Alberto Ferreira. A Escuta Clínica: Um Instrumento de Intervenção do Psicólogo em Diferentes Contextos. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S. l.], p. 87-100, 2 dez. 2012. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/44> Acesso em 03 mar 2023.

CERIONI, Rita Aparecida Nicioli; HERZBERG, Eliana. Triagem psicológica: da escuta das expectativas à formulação do desejo. **Psicologia: teoria e prática**, [s. l.], 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872016000300002. Acesso em: 3 mar. 2023.

DOURADO, Aíla Matos; QUIRINO, Cristiane Alves; PALHARES, Virginia Lima; MELO, Shirley Macêdo Vieira de. Experiências de Estudantes de Psicologia em **REVISTA PSIQUE: RELATOS ACADÊMICOS, Juiz de Fora, v. 4, n. 5, p.3-13, jul./dez. 2024 – ISSN 2448-3443**

Oficinas de Desenvolvimento da Escuta. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [S. l.], p. 209-218, 12 maio 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200013 Acesso em 03 mar 2023.

HERZBERG, E.; CHAMMAS, D. Triagem estendida: serviço oferecido por uma clínica-escola de psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 19, n. 42, p. 107–114, jan. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/qGvXNH5DDRWynL4MhvSbQFx/?lang=pt#> Acesso em 03 mar 2023.

PERFEITO, Hélvia Cristine Castro Silva; MELO, Sandra Augusta de. Evolução dos processos de triagem psicológica em uma clínica-escola. **Estudos de Psicologia**, [S. l.], p. 33-42, 16 fev. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/jYCZCxssXHTXFpTgSQsRkyv/#> Acesso em 03 mar 2023.

SALINAS, Paola; SANTOS, Manoel Antônio dos. Serviço de triagem em clínica-escola de psicologia: a escuta analítica em contexto institucional. **Psychê**, [S. l.], p. 177-196, 29 jun. 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30700914.pdf> Acesso em 03 mar 2023.